

VOL I

POR PALAVRAS E GESTOS

A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2020

VOLI

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2020

2020 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis
Edição de Arte: Bruna Bejarano
Diagramação: Helber Pagani de Souza
Revisão: Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Editora Chefe:

Prof^ª Dr^ª Antonella Carvalho de Oliveira

Organizador:

Wilson Noé Garcés Aguilar

Bibliotecário:

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^ª Dr.^ª Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
Prof.^ª Dr.^ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof.^ª Dr.^ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College - USA
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín - Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^ª Dr.^ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.^ª Dr.^ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo

Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca - Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P832 Por palavras e gestos [recurso eletrônico] : a arte da linguagem vol I /
Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira, Patricia
Vasconcelos Almeida. – Curitiba, PR: Artemis, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-10-1

DOI 10.37572/EdArt_101310720

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de
Paula. II. Almeida, Patricia

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1999, p.113).

A língua/linguagem, em sua essência, é constitutiva da espécie humana, uma vez que o homem - um ser de linguagem – constrói-se como sujeito por meio da relação dialética que estabelece com seus pares. Nessa relação, a palavra institui-se como ponte entre o “eu e o “outro”. Os fios discursivos, os diferentes modos de dizer e as múltiplas linguagens que se entrecruzam, se complementam e se orquestram.

Em uma sociedade cada vez mais plural e multicultural essas diferentes linguagens reverberam um modo de significar a realidade e expressam não só subjetividades, mas também identidades sociais e culturais. A presença de tecnologias variadas, mediando as interações e trazendo novas nuances para a produção, a difusão e a circulação do saber, requer um olhar cuidadoso sobre as práticas de leitura, de escrita e de oralidade, sobre os letramentos e sobre o ser humano e o conhecimento. Coloca, ainda, como imperativa a formação crítica do sujeito para atuar na contemporaneidade.

Nesse viés, o texto e o discurso, em suas diferentes abordagens epistemológicas, transcendem a primazia dada ao verbal e constituem-se como espaços de reexistência, e porque não de resistência e de batalhas? Assim, as várias vozes que se fazem presentes neste primeiro volume do livro *Por palavras e gestos: A Arte da Linguagem* brindam o leitor com pesquisas que discutem temas relevantes para os estudiosos da área que buscam a compreensão sobre intrincadas questões presentes na contemporaneidade. E, convidam o leitor ao diálogo.

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patricia Vasconcelos Almeida

SUMÁRIO

LETRAMENTOS E LITERATURA

CAPÍTULO 1 1

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: LENDO E ESCRREVENDO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA UNIDADE INTEGRADA WOLNEY MILHOMEM – CAIC

Ana Patrícia Sampaio Pereira
Geirlane Fontineles da Silva Martins
Vanessa Gonçalves Candido Rodrigues

DOI 10.37572/EdArt_1013107201

CAPÍTULO 2 13

LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA NA PERIFERIA DE FORTALEZA: UM ESTUDO SOBRE MEDIAÇÃO DE LEITURAS NO PROGRAMA VIVA A PALAVRA

Vanusa Benício Lopes
Claudiana Nogueira de Alencar

DOI 10.37572/EdArt_1013107202

CAPÍTULO 3 24

VOZES DE OUTRO GOLPE

Laís Vidal de Negreiros Batista
José Edilson de Amorim

DOI 10.37572/EdArt_1013107203

CAPÍTULO 4 39

OUTRO TRAJETO DA NARRATIVA OPERÍSTICA

Gandhia Vargas Brandão

DOI 10.37572/EdArt_1013107204

CAPÍTULO 5 49

IMAGEM E ESTÉTICA: A HEGEMONIA HOLLYWOODIANA E SUAS FORMAS DE RESISTÊNCIA

Johanna Gondar Hildenbrand
Francisco Ramos de Farias

DOI 10.37572/EdArt_1013107205

CAPÍTULO 6 60

GOTA D'ÁGUA: TESSITURAS DIALÓGICAS COM O MITO DE EURÍPEDES

Amanda Ramalho de Freitas Brito

DOI 10.37572/EdArt_1013107206

PRODUÇÃO ESCRITA

CAPÍTULO 7 70

ANÁLISE DE PRODUÇÕES: UM ESTUDO DA ESTILÍSTICA LÉXICA

Diná Tereza de Brito
Suellen Arcanjo de Godoy

DOI 10.37572/EdArt_1013107207

CAPÍTULO 8 82

O LUGAR DA ORALIDADE E DA ESCRITA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: ENCAMINHAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Manoel Cândido Nogueira

Jocilene Mateus Amâncio

Maria de Fátima Araújo Silva

DOI 10.37572/EdArt_1013107208

CAPÍTULO 9 92

O JOGO CAMALEÔNICO DO ANÚNCIO PUBLICITÁRIO: IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS NA PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DO GÊNERO

Paula Silva Abreu

Mauriceia Silva de Paula Vieira

DOI 10.37572/EdArt_1013107209

O DISCURSO SOB MÚLTIPLOS OLHARES

CAPÍTULO 10 106

O DISCURSO NARRATIVO COMO RECURSO PARA OS SUJEITOS-ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS EXPRESSAREM SUA SUBJETIVIDADE

Josiane Aparecida de Paula Bartholomeu

Filomena Elaine Paiva Assolini

DOI 10.37572/EdArt_10131072010

CAPÍTULO 11 119

O DISCURSO DA COMUNIDADE SURDA EM REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA PARA A PRÁTICA DE ENSINO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CLASSES INCLUSIVAS

Flávia Pieretti Cardoso

DOI 10.37572/EdArt_10131072011

CAPÍTULO 12 131

INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO SURDO: ALGUNS SENTIDOS POSSÍVEIS

Lisiane Flores de Oliveira Strumiello

DOI 10.37572/EdArt_10131072012

CAPÍTULO 13 139

O DISCURSO TRANSFEMINISTA E O ABALO DAS EVIDÊNCIAS DO SEXO: REUNINDO REFLEXÕES A RESPEITO DA CISGENERIDADE

Beatriz Pagliarini Bagagli

DOI 10.37572/EdArt_10131072013

CAPÍTULO 14 152

SOBRE FALA, ESCUTA E ETIQUETA – ENCONTRO E DESENCONTROS COM MULHERES INDÍGENAS

Ivânia Maria Carneiro Vieira

DOI 10.37572/EdArt_10131072014

CAPÍTULO 15	164
BIBLIOTECAS DIGITAIS, DIREITOS AUTORAIS E O COMPARTILHAMENTO DE MATERIAIS (NÃO) AUTORIZADOS NO ESPAÇO DIGITAL	
Natália Rodrigues Silva	
DOI 10.37572/EdArt_10131072015	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	177
ÍNDICE REMISSIVO	178

LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA NA PERIFERIA DE FORTALEZA: UM ESTUDO SOBRE MEDIAÇÃO DE LEITURAS NO PROGRAMA VIVA A PALAVRA

Data de submissão: 20/06/2020

Data de aceite: 20/07/2020

Vanusa Benício Lopes

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em
Linguística Aplicada (PosLA)
Universidade Estadual do Ceará - UECE
Fortaleza, Ceará
<http://lattes.cnpq.br/9567279195791069>

Claudiana Nogueira de Alencar

Programa de Pós-Graduação em Linguística
Aplicada (PosLA)
Universidade Estadual do Ceará - UECE
Fortaleza - Ceará
<http://lattes.cnpq.br/5612560998826098>

RESUMO: Este trabalho consiste em um estudo sobre os letramentos de reexistência na periferia de Fortaleza por meio de atividades de mediação de leitura que são realizadas nas Bibliotecas Comunitárias e Livres e pelo Programa de Extensão Viva a Palavra da Universidade Estadual do Ceará, que é coordenado pela Professora Claudiana Nogueira de Alencar. Temos como objetivo investigar essas atividades de leitura e quais os seus impactos da vida dos moradores das comunidades periféricas. Como referencial teórico discutimos Mediação de Leitura (BARBOSA e BARBOSA, 2015),

Bibliotecas Comunitárias (MACHADO, 2009), Círculos de Leitura (COSSON, 2016), os Letramentos Sociais (STREET, 2014), focando nos Letramentos de Reexistência (SOUZA, 2011). Como metodologia utilizamos a cartografia (PASSOS, KASTRUP e TEDESCO, 2014) e assim realizamos visitas a várias bibliotecas, entrevistas com os seus responsáveis, como também ministramos aulas de círculos de leitura no bairro Serrinha. Como resultados percebemos que essas práticas de leitura podem contribuir, tanto para a formação de sujeitos, quanto para a geração de formas de resistência e promoção de processos emancipatórios.

PALAVRAS-CHAVE: Letramentos de Reexistência; Bibliotecas Comunitárias; Programa Viva a Palavra.

LITERACIES OF REEXISTENCE IN THE PERIPHERY OF FORTALEZA: A STUDY ABOUT READING MEDIATION IN THE VIVA A PALAVRA PROGRAM

ABSTRACT: This work consists in a study about literacies of reexistence in the periphery of Fortaleza through reading mediation activities that are carried out in Community and Free Libraries and by Viva a Palavra Extension

Program at the Ceará State University coordinated by Professor Claudiana Nogueira de Alencar. We aim to investigate these reading activities and their impact on the lives of residents of peripheral communities. As a theoretical framework we discussed Reading Mediation (BARBOSA and BARBOSA, 2015), Community Libraries (MACHADO, 2009) Reading Circles (COSSON, 2016), Social Literacies (STREET, 2014), focusing on the Literacies of Reexistence (SOUZA, 2011). As methodology we use cartography (PASSOS, KASTRUP and TEDESCO, 2014) and so we make visits to various libraries, interviews with those responsible for them, as well as we teach classes in reading circles in the Serrinha community. As result we realized that these reading practices can contribute, both to the formation of subjects, and to the generation of forms of resistance and promotion of emancipatory processes.

KEYWORDS: Literacies of Reexistence; Community Libraries; Viva a Palavra Program.

1 . INTRODUÇÃO

Neste artigo refletimos sobre as práticas dos letramentos de reexistência que acontecem na periferia de Fortaleza, por meio do Programa de Extensão Viva a Palavra e nas Bibliotecas Comunitárias e Livres. Para isso apresentamos algumas considerações sobre os letramentos de um modo geral, que cada vez mais vem ganhando espaço e ampliando-se nos mais diversos campos de estudos. Incluindo os letramentos sociais, que numa perspectiva crítica consideram que as práticas de leitura e escrita possuem significados culturais, alegações ideológicas e se inserem em relações de poder. E com foco nos “letramentos de reexistência”, que de acordo com Souza (2006), “implica considerar as práticas desenvolvidas em âmbito não escolar, marcadas pelas identidades sociais dos sujeitos nelas envolvidas”. Assim, realizamos uma cartografia das práticas de mediação de leitura que são realizadas pelo Programa de Extensão Viva a Palavra e pelas Bibliotecas Comunitárias e Livres que são situadas em bairros periféricos de Fortaleza. Utilizamos como metodologia a cartografia (PASSOS, KASTRUP e TEDESCO, 2014) que se trata de um método em que o pesquisador acompanha o processo, ou seja, o percurso de sua pesquisa e a análise vai se delineando a partir do contexto em que o pesquisador está inserido. Ele vivencia cada situação de sua pesquisa, traçando metas, definindo e redefinindo os seus objetivos de acordo com as percepções no decorrer do percurso.

Temos o propósito com este estudo de refletir sobre como as práticas de mediação de leitura realizadas pelo Programa Viva a Palavra e pelas Bibliotecas comunitárias e diversos outros tipos de letramentos podem se constituir como “letramentos de reexistência” e podem contribuir para a formação de leitores críticos diante da realidade atual.

2 . ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS LETRAMENTOS

Ao longo dos anos, o significado do termo letramento foi passando por diversas modificações, ou seja, para letramento foram sendo atribuídos diversos sentidos. Inicialmente se referia principalmente ao processo de alfabetização, onde se considerava letrada uma pessoa que dominava a leitura e a escrita. Depois se passou a considerar letrado o indivíduo que não apenas soubesse ler e escrever, mas que tivesse o conhecimento das funções sociais da leitura e da escrita.

Com o advento das tecnologias, as pessoas passaram a ter a necessidade de possuir vários conhecimentos tecnológicos, surgindo assim os vários tipos de letramentos. Ao tratar da escola e inclusão social, Rojo (2009) se refere a “letramentos múltiplos”.

Essas mudanças fazem ver a escola de hoje como um universo onde convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares e autônomos, sempre em contato e em conflito, sendo alguns rejeitados ou ignorados e apagados e outros constantemente enfatizados. (ROJO 2009, p.106)

Assim, podemos perceber que cada vez mais a noção de letramento vai se ampliando, não se colocando como superiores ou inferiores às noções de letramentos já existentes, mas colocando-se ao lado destes como habilidades e conhecimentos necessários para desempenharmos as mais diversas atividades na sociedade contemporânea. “Os letramentos multissemióticos exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita” (MOITA-LOPES & ROJO 2004, apud ROJO 2009, p.107).

Cosson (2015, p.173) em seu artigo *Letramento Literário: uma localização necessária* nos apresenta uma série de denominações para letramento, as quais abrangem desde o letramento digital ao letramento emocional, o que nos leva a perceber que é um engano pensar que o termo letramento nos dias atuais está apenas associado aos estudos no campo da linguagem, tratando de temas, como leitura, escrita e/ou alfabetização. E assim concordamos com Rojo (2009) ao tratar os letramentos como “múltiplos” e situamos a nossa pesquisa como uma análise dos letramentos dos reexistência (SOUZA, 2011) na periferia de Fortaleza.

3 . OS LETRAMENTOS SOCIAIS

As teorias do letramento numa perspectiva crítica consideram que as práticas de leitura e escrita possuem significados culturais, alegações ideológicas e se inserem em relações de poder. Para Street (2014), o letramento, nessa vertente, se expressa por meio da concepção dominante, a qual o reduz “a um conjunto de capacidades cognitivas, que pode ser medida nos sujeitos”.

Portanto, as práticas de letramento estão sempre associadas à leitura e à escrita, porém abrangem um universo bem mais amplo do que o seu uso no ambiente escolar ou até mesmo a função social dos textos do contexto social. A noção de letramento envolve aqui aspectos culturais e relações de poder, estando os letramentos estreitamente ligados às ideologias que estão nos textos que circulam na sociedade.

Assim, podemos perceber que as práticas de letramento impactam na construção das identidades. No caso do letramento numa perspectiva funcionalista delineado por meio de um modelo autônomo, há uma hegemonia das possibilidades de se estabelecer padrões identitários legitimadores, com intuito de naturalizar os processos de exploração e dominação via usos da linguagem, contribuindo para manutenção da colonialidade. Nessa vertente:

[...] se encontra normalmente uma imagem muito ocidentalizada e estreita do que seja o 'letramento', um modelo fundado nos usos e associações particulares do letramento na história recente da Europa e da América do Norte. (STREET, 2014, p.30).

Com os Novos Estudos do Letramento, denominados por Street (2014) de Letramentos Críticos, construídos com base no modelo ideológico, compreende-se a cultura escrita para além de um olhar psicolinguístico, considerando os pontos de vistas histórico, antropológico e cultural.

Assim, leitura e a escrita jamais devem ser percebidas apenas como meras habilidades técnicas, precisam ser vistas como um conjunto específico de convenções próprias de uma cultura, de maneira que “o letramento, portanto, não precisa ser associado com escolarização ou com pedagogia” (STREET, 2014, p.127).

4 . OS LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA

Aqui em nosso estudo podemos perceber a materialização dos “letramentos de reexistência” por meio das práticas de mediação de leitura que são realizadas nas Bibliotecas Comunitárias e pelas atividades promovidas pelo Programa de Extensão Viva a Palavra, como também, na realização dos saraus, das batalhas de *rap*, das lutas dos movimentos sociais por seus direitos que muitas vezes são retirados ou negados. Para Souza:

Todo uso da palavra envolve ação humana em relação a alguém, em um contexto interacional específico no qual ocorre a busca pela apropriação, a batalha pelas palavras e seus sentidos, a disputa por identidades sociais. E onde também se configuram as relações dialógicas de reexistências inscritas em um processo que envolve negociação, reinvenção e subversão de relações assimétricas de poder. Por mais simples que seja um enunciado, ele sempre se dirige a alguém e carrega um posicionamento, uma ação frente à realidade em que se vive. (SOUZA 2011, p.55)

Assim, podemos refletir a cerca das armas que esses sujeitos usam para resistir às injustiças e à desigualdade social, sendo por meio da fala, da linguagem, que eles não se calam e se organizam para lutar cada vez mais. Dessa forma, a periferia não é apenas lugar de pobres e desprivilegiados, o que sempre é evidenciado. Mas, é também lugar de pessoas organizadas e de coragem para não desistir nunca diante das dificuldades. E ao se organizarem para lutar, mostram o valor de sua existência, reexistindo assim por meio de sua voz, que muitas vezes lutam para silenciá-la. E sobre a visão que muitos que ocupam lugares de privilégio têm acerca dos que vivem nas periferias, Freire (2011) esclarece que:

Àqueles e àquelas que veem essas populações como “naturalmente inferiores e incapazes” e atribuem a esta “inferioridade” todas as deficiências materiais que caracterizam uma favela, sugeriríamos que discutissem um dia com favelados sobre o que significa sua existência”. (FREIRE 2011c, p.93)

E assim, podemos inferir que a reexistência desses sujeitos se dá pelo valor que eles dão para a sua própria existência, não se conformando com as injustiças sociais, mas reexistindo para continuarem firmes e fortes na luta por uma transformação social.

No contexto das periferias, podemos dizer que reexistir é criar espaço para dar voz a essas pessoas que muitas vezes são silenciadas. Assim, situamos aqui, as práticas de mediação de leitura realizadas nas periferias por meio das bibliotecas comunitárias, como também as práticas de mediações de leitura e de tantas outras atividades que são desenvolvidas pelo Programa Viva a Palavra como formas de reexistência.

5 . MEDIAÇÃO DE LEITURA

A atividade de mediação de leitura vai muito além de indicar leituras para outras pessoas. A mediação de leitura ultrapassa os limites de uma atividade desenvolvida no âmbito escolar, podendo acontecer tanto na escola, como nos mais diversos espaços de disseminação da leitura, como em praças, parques, mercados, hospitais, associação de moradores de bairros, nas bibliotecas comunitárias e/ou livres e nos mais diversos espaços onde circulam os livros e existe a presença de um mediador de leituras. O mediador de leituras é alguém que consegue a partir de sua experiência e prazer com a leitura e com a literatura, seja esta escrita ou oral, disseminar e despertar a curiosidade e o gosto pela leitura em diversos sujeitos.

De acordo com Barbosa e Barbosa (2013, p.10) “A efetiva apropriação de texto pressupõe que o leitor antes de exercer de forma autônoma essa prática, tenha tido um mediador, para quem os livros são familiares”. Portanto, o mediador de leitura muitas vezes não se trata de alguém com grandes experiências com a leitura e a

escrita, como escritores ou professores, que também podem ser mediadores de leitura, mas pode ser qualquer pessoa que ao fazer parte do cotidiano dos sujeitos, na maioria das vezes na infância, apresenta o mundo da leitura e das descobertas que esta pode proporcionar.

Dessa forma percebemos o quanto é grandioso o papel de um mediador de leituras em qualquer espaço que ele atue, seja um membro da família, um vizinho, um morador da comunidade, um professor, um bibliotecário, um amigo, etc. De acordo com Rosing (2009, p.138) “A mediação de leitura pressupõe a formação do mediador enquanto leitor e leitor de textos literários”.

A mediação de leituras é, portanto, uma atividade que articula vários critérios no momento de seleção dos textos a serem apresentados, como por exemplo: o contexto dessa leitura; os objetivos; as possibilidades de leitura; o público e o repertório de textos. Ao levar em consideração esses aspectos, o mediador de leituras estará proporcionando um momento no qual os leitores não apenas se sintam atraídos pelo texto, mas também um momento necessário para a construção de sentidos, o que contribuirá para a formação de leitores críticos e estará diretamente ligado às experiências de vida e subjetividades que cada leitor traz consigo.

6 . OS CÍRCULOS DE LEITURA

Sendo “os círculos de leitura” uma das possibilidades para realizar mediações de leitura em diversos contextos, apresentamos aqui algumas considerações apontadas por Cosson (2014, p.137), segundo o autor, “as faces do letramento literário se efetivam por meio de comunidades de leitores reunidas em círculos de leitura”. Para ele, “um círculo de leitura é uma das maneiras privilegiadas de uma comunidade de leitores se constituir explicitamente”.

Para o historiador Chartier (apud COSSON, 2014), uma comunidade de leitores se constitui num espaço de atualização, de definição e de transformação das regras e convenções da leitura. Ou seja, “uma forma de interação social por meio da qual as práticas de leitura ganham a especificidade e concreticidade dos gestos, espaços e hábitos”.

Assim, podemos perceber que ao fazermos a interpretação de um texto, embora essa atividade pareça pessoal, ela está ligada a uma “infraestrutura social da leitura” que segundo Long (1993, apud COSSON 2014), “que determinam o que está disponível para a leitura, o que vale ser lido e como deve ser lido”, constituindo o “repertório da leitura”. Ou seja, existem vários fatores que podem ser determinantes para a escolha dos textos a serem lidos por uma comunidade de leitores. Dessa forma o processo de escolha de uma obra não se trata apenas de uma questão de gosto

pessoal do leitor, mas de todo um contexto que envolve as instituições, o mercado e o repertório que “não apenas sustentam como também determinam em grande parte as práticas de leitura de uma comunidade”.

Dessa forma, participar de um círculo de leitura não se trata apenas de uma oportunidade para realizar leituras e interpretações de textos em grupos, mas, compreende uma ação muito mais ampla. Segundo Cosson (2014) “a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade entre as pessoas,” e segundo Long (apud Cosson) “o ato de ler em grupo e decidir qual o seu programa se apresenta como uma ocasião para que as pessoas se definam quem são cultural e socialmente e busquem solidariedade com seus iguais”.

Nesse contexto, o autor assemelha um círculo de leitura “aos mesmos predicados dos Círculos de Cultura de Paulo Freire, que os localizava como espaços de diálogo e participação em lugar do ensino doador e passivo tradicional (Freire 1983)”.

7 . BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

Diante de um contexto histórico e cultural, no qual cada vez mais as pessoas necessitam de estarem formadas e informadas sobre a realidade, e as tecnologias estão cada vez mais avançadas, muitas mudanças vêm ocorrendo a cerca do verdadeiro papel das bibliotecas na sociedade contemporânea.

Existem vários tipos de bibliotecas, que podem ser públicas ou privadas. Nas bibliotecas públicas o acesso aos livros e outros materiais costuma ser gratuito, sendo permitido o empréstimo de livros por um determinado período e têm o objetivo de propiciar para as pessoas, o acesso às informações e à cultura. Há também as bibliotecas comunitárias, que geralmente situam-se em bairros da periferia, e nem sempre recebem apoio do Governo. Segundo Botelho (2012):

Geralmente, as bibliotecas comunitárias surgem porque a população de alguma forma almeja transformar seu espaço, quase sempre marcado pela violência, jovens envolvidos com drogas, desemprego, precariedade nos serviços e saúde, educação e cultura. (BOTELHO, 2012, p.54)

Além das necessidades de acesso à cultura e à informação, dentre outras privações que passam os moradores das periferias, há também uma preocupação com a formação crítica dessas pessoas, há uma consciência por parte de seus idealizadores de que uma iniciativa dessas pode contribuir para a emancipação desse público que será beneficiado pelo acesso à biblioteca no bairro. Diante disso, Machado (2009) apresenta um conceito consolidado para bibliotecas comunitárias que consiste em:

Projeto social que tem por objetivo, estabelecer-se como entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro, com vistas à sua emancipação social. (MACHADO, 2009, p.91)

Dessa forma, o objetivo dessas bibliotecas se configura em proporcionar o encontro do leitor com o texto de forma diferenciada, não se tratando apenas de emprestar livros para leituras ou pesquisas individuais, mas, além disso, proporcionar um espaço para leituras e reflexões coletivas, o que Freire (2011a) chama de “seminários de leitura”, assim, se proporciona um espaço de formação de leitores coletivamente, o que deve partir de interesses comuns a um determinado público, no caso das bibliotecas comunitárias ou populares, são os moradores das periferias, o público alvo.

De acordo com Prado (2010) as bibliotecas comunitárias podem ser consideradas como “territórios de memória”, para o autor “... o livro e a leitura, além de ter a função do prazer dos seus usuários, são usados, sobretudo, como suportes informacionais voltados à libertação da mente humana”. (PRADO 2010, p.145)

Assim, verificamos que as bibliotecas comunitárias possuem algumas diferenças se comparadas aos outros tipos de bibliotecas, dentre as quais podemos destacar o seu propósito de atuação, há uma preocupação em constituir um acervo que contemple diversos interesses. Outro aspecto é o fato de se manterem com recursos próprios, que são obtidos por meio de doações, parcerias, associação de moradores etc. De acordo com Coelho e Bortolin (2017, p.98) “A proposta dessas bibliotecas está atrelada a um projeto de ação cultural que visa promover a igualdade de acesso e a formação de leitores críticos, dando voz aos excluídos”.

Nesse sentido, a prática das bibliotecas comunitárias pode ser considerada como um instrumento de transformação da vida de jovens, crianças e de todos os que tiverem acesso aos bens oferecidos por meio dessa iniciativa que é capaz de oferecer até mesmo a esperança de mudança num contexto em que as pessoas só tinham como perspectiva, uma realidade de violência e desigualdade.

8 . LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA NA PERIFERIA DE FORTALEZA

O Programa de Extensão Viva a Palavra tem como objetivo, fortalecer as práticas de letramentos juvenis na periferia de Fortaleza visando o enfrentamento do extermínio da juventude. Nessa perspectiva, vem desenvolvendo no bairro Serrinha (bairro periférico de Fortaleza), diversas atividades de “letramentos múltiplos” (ROJO, 2009), que beneficiam os moradores da comunidade, como também jovens que se deslocam de outros bairros para ter acesso à essas atividades. Dentre as atividades que são realizadas, podemos destacar: Contação de histórias, Saraus, Cursinho Popular, Mediação de Leituras, Círculos de Leitura, dentre as mais diversas oficinas que vêm sendo ofertadas. O referido programa conta com a participação e colaboração de professores e alunos da Universidade Estadual do Ceará-UECE, como também com as parcerias das escolas da comunidade de Serrinha e de representantes de diversos movimentos sociais dessa comunidade.

Dentre as atividades realizadas, realizamos uma cartografia das práticas de mediação de leituras na periferia de Fortaleza, que além das vivências dos círculos de leitura que são promovidas no bairro Serrinha, realizamos algumas visitas a várias bibliotecas comunitárias e/ou livres, e percebemos como essas bibliotecas se configuram como espaços de leitura e de resistência dos moradores desses bairros.

Em cada uma das bibliotecas cartografadas, encontramos não apenas livros e um ambiente acolhedor, o que foi comum a todas elas, mas também histórias de vida, trajetórias de mediadores de leitura que a partir de suas experiências com a leitura, buscam oportunizar aos moradores dos bairros periféricos onde vivem, o contato com a leitura como meio de transformação da realidade.

A Biblioteca Comunitária “Casa Camboa” situada na praia de Sabiaguaba busca valorizar a cultura local, disponibiliza um vasto acervo com diversos gêneros textuais e literários e promove diversas atividades que podem contribuir para a formação de leitores críticos da realidade.

Na Biblioteca Comunitária Okupação, localizada no Bairro Antônio Bezerra, encontramos uma Geloteca. As Gelotecas são geladeiras velhas, geralmente grafitadas nas quais as pessoas podem doar livros e levar livros emprestados, geralmente se encontram em espaços públicos e são consideradas bibliotecas livres, pois os usuários decidem quando pegar, devolver ou fazer doações de livros. Por meio dessa biblioteca são realizadas diversas atividades artísticas e culturais, como saraus e *slams*. Os saraus são realizados no espaço da biblioteca, enquanto os *slams* acontecem numa praça. É uma área que eles desejam estar próximos, é uma forma de levar essas atividades para aquelas pessoas que não tem tanto contato com a literatura, ou não valorizam.

A Biblioteca Viva se localiza no Bairro Barroso, conta com um imenso acervo e a diversidade de livros organizados por área: Infante Juvenil, Educação, Psicologia, História, Filosofia, Sociologia, Biografias, Literatura Brasileira, Poesia, Literatura Estrangeira, Seção Infantil, Terceira Guerra Mundial, Biografia de Einstein, Terceiro Reich, Ditadura Militar, Moby Dick, etc.

A Biblioteca Comunitária Papoco de ideias é situada no bairro Pici. Nessa biblioteca observamos que há uma preocupação muito maior do que levar livros, atividades diversas, conhecimentos e informações para as crianças, adolescentes e jovens frequentadores desse espaço. Há um cuidado com os sentimentos dessas pessoas em relação ao mundo em que vivem, com a autoestima e a esperança de um futuro melhor.

São várias as mudanças que vão ocorrendo nos bairros. A partir da iniciativa da Biblioteca Livro Livre, situada no bairro Curió, além dos livros para serem emprestados para a comunidade, a biblioteca trouxe: parcerias com instituições; inovação por meio da criação do jornal “Folha Curió”; reconhecimento do local por meio da divulgação

da Floresta Curió; oportunidade de estudo e transmissão de conhecimentos por meio do Projeto Enem de leitura e escrita.

Podemos perceber que cada uma das bibliotecas possui um grande potencial de letramentos de reexistência, seja por meio de empréstimo de livros, valorização da cultura local, realização de diversas atividades de mediação de leitura, atividades artísticas e culturais, por meio das quais as pessoas dessas comunidades tem acesso à leitura, à cultura e sobretudo à esperança na transformação da realidade.

9 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos a cartografia das práticas de mediação de leituras promovidas pelo Programa Viva a Palavra e pelas Bibliotecas comunitárias e livres percebemos que esses espaços também promovem diversos outros tipos de letramentos. As pessoas se aproximam num primeiro momento em busca dos livros e da leitura, e encontram diversas outras atividades, como oficinas, saraus e *slams*, sobretudo esses dois últimos que podemos considerar como legítimos letramentos de reexistência.

Trabalhar com esse público não implica apenas possibilitar aos jovens da comunidade a oportunidade de participarem de atividades propostas pelo Programa Viva a palavra e/ou pelas Bibliotecas Comunitárias, mas também nos possibilita perceber como as práticas linguísticas desses sujeitos estão a serviço de uma luta pela transformação da sociedade por meio de seus discursos, ou seja, por meio da linguagem.

Dessa forma evidenciamos a sintonia de atividades que são realizadas pelo Programa Viva a Palavra e pelas Bibliotecas Comunitárias, por meios de diversos tipos de letramentos e todos com um objetivo em comum: a luta por um mundo melhor. Isso nos filia ao pensamento de Paulo Freire (2011b) ao pregar uma “pedagogia da esperança”. Segundo o autor, “enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica”. E assim, concluímos que essas práticas de leitura e de escrita podem contribuir, não apenas para a formação de sujeitos, mas, também para a geração de formas de resistência e promoção de processos emancipatórios. Afinal, “não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança.” (PAULO FREIRE, 2011b, p.126).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Juliana Bertucci; BARBOSA, Marinalva Vieira (organizadoras) **Leitura e Mediação: reflexões sobre a formação do professor**. 1ª edição, Campinas, SP: Mercados de Letras, 2013.

BOTELHO, Cristian do Nascimento. **A Formação do Bibliotecário e as Bibliotecas Comunitárias**. Estudos em Biblioteconomia e Gestão da Informação. Recife.v.1.n.1p.50-64.2012. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INF/article/view/43> (acesso em 15/07/2019).

COELHO, Clara Duarte; BORTOLIN, Sueli. **A Produção Científica sobre Bibliotecas Comunitárias nos Periódicos da Ciência da Informação**. VII SECIN. Agosto de 2017. Disponível em <www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2017/paper/view/442/226> acesso em 15 de julho de 2019.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: uma localização necessária**. Letras & Letras, v.31, n.3 (jul./dez.2015) p.173-187. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/30644>> acesso em 26 de set. 2019.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011c.

MACHADO, Elisa Campos. **Uma discussão acerca do conceito de Biblioteca Comunitária**. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v.7, n.1, p.80-94, jul./dez.2009. Disponível em <<http://polaris.bc.unicampi.br/seer/ojs/include/getdoc.php?id=685&article=1958&mode=pdf>> acesso em 15 de julho de 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; TEDESCO, Silvia (Orgs.) **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PRADO, Geraldo Moreira. **A biblioteca comunitária como agente de inclusão/integração de cidadão na sociedade da informação**. Inc. Soc. Brasília, DF, v.3, n.2, p.143-149, jan/jun, 2010. Disponível em <revista.ibict.br/inclusão/article/view/1638> acesso em 27 de julho de 2019.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSING, T. M. K. **Do currículo por disciplina à área da educação – cultura – tecnologia sintonizadas: processo de formação de mediadores de leitura**. In: Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores/ Fabiano dos Santos, José Castilho Marques Neto, Tânia M. K. Rosing (organizadores). – 1.ed. – São Paulo: Global, 2009.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, A.L.S. **Linguagem e letramentos de reexistência: exercícios para reeducação das relações raciais na escola**. Linguagem em Foco: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE. V.8,N.2, ano 2016 – Volume Temático: Linguagem e Raça: diálogos possíveis.

STREET, Brian V. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós-graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós-graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

ÍNDICE REMISSIVO

A

A cartomante 39, 46, 47, 48

Análise de Discurso 105, 106, 107, 118, 131, 138, 143, 148, 164, 175

Anúncio 8, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Aspectos Estilísticos 70, 79

B

Bibliotecas Comunitárias 13, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23

Bibliotecas digitais 9, 164, 165, 166, 167, 171, 172, 173, 174, 176

C

Cinema 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61

Círculo de leitura 18, 19

Comunidade Surda 8, 119, 120, 121, 125, 128, 129, 137

D

Dialógico 60, 65

Direito de Expressão 152, 159

Ditadura militar 21, 24, 25, 26, 28, 30, 34, 35, 38, 62

Drama moderno 60, 61, 64, 65, 68, 69

E

Escrita 6, 7, 8, 1, 3, 4, 5, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 37, 41, 43, 45, 54, 62, 66, 70, 73, 76, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 98, 106, 107, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 124, 125, 127, 167, 175

Escrita e oralidade 82, 83

Estética 7, 37, 38, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 80, 130

Etiqueta 8, 152, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162

F

Feminismo 139, 141, 142, 143, 148, 150

G

Gênero 8, 41, 42, 57, 64, 81, 91, 92, 96, 97, 99, 101, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 151

I

Implicações pedagógicas 82, 83, 85

Inclusão escolar 8, 128, 131

L

Leitura e escrita 1, 3, 5, 9, 14, 15, 22, 76, 106

Libras 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 136, 137

Língua Portuguesa 8, 9, 40, 71, 72, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 91, 117, 119, 120, 122, 125, 126, 130, 177

Lúdico 5, 6, 12, 110, 111, 117, 147

M

Memória 20, 24, 26, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 49, 51, 80, 106, 109, 114, 115, 116, 118, 141, 144, 147, 149, 158, 166, 175

Mulheres Indígenas 8, 152, 153, 154, 159, 160, 161, 162, 163

Multimodalidade 92, 93, 94, 96, 97, 100, 104, 105

N

Narração 24, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 55, 56

Narrativa musical 39, 40, 45

O

Opera 39, 40, 156

P

Prática de Ensino 8, 119, 122, 126

Práticas de leitura 6, 5, 13, 14, 15, 18, 19, 22

Produção Textual 70, 71, 72, 73, 76, 78, 90, 91, 130

Psicanálise 106, 107, 111, 117, 132

Publicidade 52, 55, 92

R

Resistência 6, 7, 13, 21, 22, 28, 49, 51, 53, 54, 56, 58, 135, 139, 140, 144, 147, 148, 149

S

Subjetividade 8, 24, 33, 37, 49, 51, 67, 106, 107, 110, 115, 117, 139, 149, 155, 156

Surdo 8, 120, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

T

Tragédia 36, 41, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 77

Transexualidade 139, 145, 146



**EDITORIA
ARTEMIS
2020**